

## Casa Protótipo: afirmação de um caminho experimental em arquitectura<sup>i</sup>

Maria Tavares (arquitecta FAUP/PDA)

**Palavras chave:** casa protótipo; habitar; Associação dos Inquilinos Lisbonenses; cooperativismo habitacional; Nuno Teotónio Pereira; Bartolomeu da Costa Cabral.

### Resumo

Uma *Casa Protótipo* foi construída em Portugal em 1957, com a responsabilidade de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral. Decorrentes da história da arquitectura moderna, os autores propõem um *novo conceito* de modernidade, compondo uma espécie de ajuste/adaptação a um novo contexto, a um novo imaginário: o da passagem de um conceito de família, para um de grupo doméstico, tendo um curioso impacto na disposição dos espaços da casa.



Casa Protótipo. Foto de grupo na galeria da casa.

A *Casa Protótipo* acolhe uma série de experimentações técnicas, funcionais e formais, proporcionando uma atmosfera nova que importa percorrer.

\*

### 1. Uma Exposição, Uma Encomenda

Lisboa, 30 de Março a 7 de Abril, 1957, Sociedade Nacional de Belas-Artes. Uma importante experiência no campo da habitação foi levada a cabo pela AIL<sup>ii</sup>, Associação dos Inquilinos Lisbonenses, com a organização de uma exposição sobre o «Cooperativismo Habitacional no Mundo» [Fig.1]. Uma das grandes atracções desta exposição, seria a apresentação de um modelo à escala real de uma célula habitacional para uma Unidade de Habitação Cooperativa, projectada pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, encomenda da AIL.



# RESDOMUS

plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica

A *Casa Protótipo*, como lhe chamamos, constitui-se como um fenómeno experimental no campo da arquitectura da habitação em Portugal, não só pela estratégia de aproximação do utente ao campo disciplinar da arquitectura, mas também, pelo mediatismo que o modelo em si apresentou junto das entidades públicas e políticas.

Interessa-nos entender o significado deste propósito experimental e a atitude de quem projectou e lançou este desafio, pela estratégia moderna que apresenta. Antes de mergulhar na pertinência que a *Casa Protótipo* suscita, é importante que se entenda o contexto da exposição, o registo sobre o qual este fenómeno se produz.

Até à época, as cooperativas de habitação existentes, dirigiam-se claramente às classes médias, com a construção das suas casas isoladas, não tendo assim, nenhuma expressão social. A AIL, na década de 50, enquanto plataforma de entendimento entre o Partido Comunista e os Anarquistas, estava muito interessada em promover o chamado «inquilinato cooperativo»<sup>iii</sup> em alternativa à casa isolada.<sup>iv</sup> Acreditavam no novo modelo em altura, a Unidade de Habitação Cooperativa, como aposta no apoio à resolução do problema habitacional.

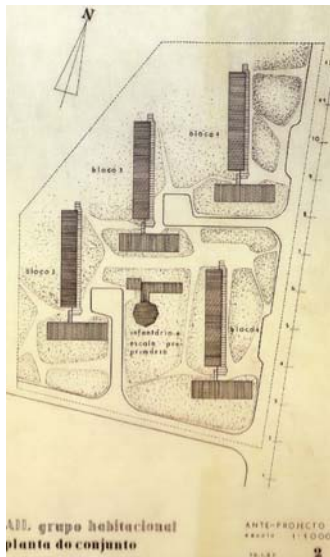


2. cartaz de divulgação da exposição

*UM LAR PARA CADA FAMÍLIA*, lema da exposição que, amplamente divulgada pela comunicação social<sup>v</sup> [Fig.2], apresentou a solução cooperativa como um exemplo a seguir, e com o “*fim de conseguir estímulos e ensinamentos poderosos para a determinação de soluções construtivas do grave problema da existência de um lar*”<sup>vi</sup>. Tendo como principal objectivo chamar a atenção do público em geral, mas fundamentalmente das entidades oficiais e políticas<sup>vii</sup> para os variados aspectos exemplares do cooperativismo habitacional, a exposição, orientada pelo arquitecto Frederico George com a colaboração de Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu da Costa Cabral e Nuno Portas, contava com a representação de dezassete países<sup>viii</sup>, que conforme o boletim da AIL sobre o evento, constituiu um:

"(...) esclarecedor e sugestivo documentário fotográfico e estatístico relativamente a cada país e ainda elementos referentes a organizações internacionais que ao problema têm consagrado especial atenção, como a Organização das Nações Unidas, o Bureau Internacional do Trabalho e a Aliança Cooperativa Internacional."<sup>x</sup>

A solução cooperativa, ao possibilitar a *habitação para o maior numero*<sup>x</sup>, "fá-lo pela conjugação dos esforços de todos, isto é, ao mesmo tempo que procura conseguir «um lar para cada família», não o obtém pela via da dádiva ou benesse, e realiza assim a educação do indivíduo, na medida em que o ensina a unir o seu esforço ao de outros para o bem comum e para o seu próprio"<sup>xi</sup>.



3. Unidade de Habitação Cooperativa, planta de implantação

Consta que 10.000 visitantes percorreram o salão das Belas-Artes, não só para conhecer o que se passava pelo mundo em matéria de cooperativismo habitacional, mas também para ver a curiosa proposta que a AIL apresentava para uma solução a construir em terrenos camarários na Ajuda [Fig.3]. Agendadas para os últimos dias<sup>xii</sup>, estavam 3 conferências particularmente concorridas: Fernando Távora, sobre o tema: "O que é uma Casa" que, embora não havendo registo do conteúdo da comunicação, dá seguramente continuidade a uma pertinência já levantada pelo autor no texto de 1947, sobre "O Problema da Casa Portuguesa"; Eng.º Lino Neto, sobre "O Problema da Habitação em Portugal"; Francisco Ferreira sobre "O Problema da Habitação e as Soluções Cooperativistas".

A Nuno Teotónio Pereira, que mantinha uma relação estreita com os dirigentes da AIL, foi então encomendada a exposta Unidade de Habitação Cooperativa com 100 fogos, com o intuito de pôr em prática o novo estatuto do «inquilinato cooperador». A proposta, elaborada em conjunto com Bartolomeu da Costa Cabral, estava organizada em 4 blocos de 25 fogos cada, com distribuição feita por galeria<sup>xiii</sup>. Um corpo principal com 4 pisos e um secundário com 2, perpendicular ao primeiro, teria a "vantagem de dar maior interesse à distribuição dos volumes da construção, quebrando a rigidez resultante da orientação única"<sup>xiv</sup>.

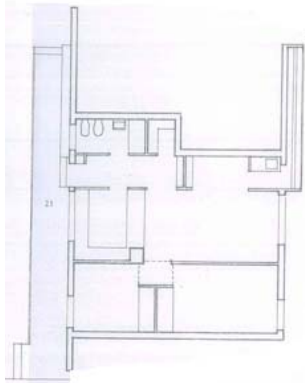
O projecto realizado teria como ponto de partida um estudo previamente feito pelos arquitectos para a «Cooperativa de Construção e Habitação», de que faziam parte. Segundo a memória descritiva e justificativa do ante-projecto,

atendendo às condições económicas de toda a massa associativa da AIL, e aos propósitos de progresso social a praticar, seria condição que as habitações tivessem um reduzido custo, não condicionando no entanto, os princípios de qualidade do projecto que, como veremos, se enquadram em outras propostas realizadas pelos mesmos autores.

Uma maquete com a proposta podia ser vista na exposição, mas a grande novidade seria a apresentação de uma das células à escala real. Este modelo, suscitou uma enorme curiosidade a todos os visitantes, referindo-se *"elogiosamente à ideia de apresentar um fogo-tipo, tal como poderiam ser os lares do conjunto residencial que a AIL se propõem construir"*<sup>xv</sup>.

## 2. Uma Casa

A *Casa Protótipo* [Fig.4], totalmente equipada<sup>xvi</sup> e construída pela empresa Amadêu Gaudêncio, propõe explorar a relação entre a forma da casa, seus dispositivos espaciais, e os novos modos de habitar, referenciados a uma produção e mecanismos modernos. Para que se entenda essa relação, propomos que se visite a casa, que se percorram os seus espaços, e fundamentalmente que se conheçam os elementos que a compõem e caracterizam.



4. *Casa Protótipo*, planta da célula apresentada na exposição

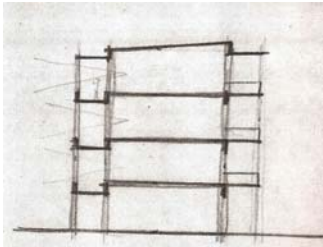
O programa, inevitavelmente menos extenso, pelas condições económicas que o determinam, proporcionou que se explorassem novas formas de projectar o espaço doméstico, não se distanciando no entanto, conforme já referido, de outras experiências dos autores.

Essa continuidade surge ancorada às premissas de uma crítica a uma prática disciplinar ainda comum nestes programas de âmbito social, e que aqui se evidencia pela forma como são aplicados os códigos modernos (aliás, determinantes da atitude dos autores nas experiências para as HE-FCP<sup>xvii</sup> onde trabalhavam).

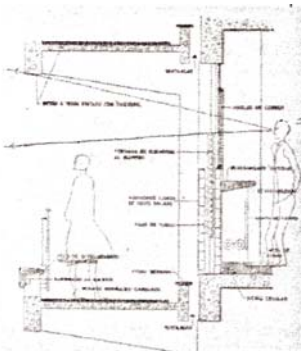
Pelo exterior, a galeria de acesso potenciava a curiosidade. Espaço de circulação por excelência, mas também de sociabilização *"desempenhava um papel*

# RESDOMUS

plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica



5. Unidade de Habitação Cooperativa, corte esquemático com a galeria



6. Bloco das Águas Livres, corte pela galeria

*importante na vida social dos habitantes (...) local de encontro e de convívio*<sup>xviii</sup> [Fig.5]. O espaço público aplicado em altura, constituiu o primeiro ciclo deste habitar, um habitar conjunto, igualmente utilizado no bloco das Águas Livres 2 anos antes [Fig.6], nas Torres dos Olivais com os seus grandes patamares de distribuição com bancos para convívio, ou mesmo em contexto rural, nos Agrupamentos de Renda Económica de Barcelos e Famalicão com os balcões de acesso aos pisos e, de Vila do Conde com as suas complexas distribuições exteriores...

Da galeria acedia-se à célula habitacional, em que dois degraus proporcionavam a essencial diferença de cota para fins de privacidade, tal como no bloco das Águas Livres. A porta recuada desta segunda fachada, marca o início do segundo ciclo de habitar. Um ciclo, que embora com um programa pouco extenso como já fora referido, propõe uma complexidade espacial própria da prática disciplinar dos autores<sup>xix</sup>.

Após a entrada na casa, um curto espaço de circulação contém já uma série de funções agrupadas, contrariando o conceito de *hall* apenas como espaço de recepção e distribuição. É o primeiro dispositivo espacial aglutinador de várias funções indispensáveis à vida doméstica: acesso à instalação sanitária única na casa, acesso à cozinha, um arrumo/dispensa e o indispensável bengaleiro. Este espaço permite que se interrogue o seguinte: porquê a instalação sanitária no espaço de recepção da casa, no possível *hall*, ... aliás criticada pelos visitantes no final da visita? Para além dos aspectos de racionalização do espaço e de área, pensamos constituir um dos pontos à crítica aos programas de âmbito social que se falava. Conforme conversa com os autores, a casa era para ser vivida, para ser usada, funcional e aberta à vida doméstica, distante dos modelos que o Estado Novo propunha<sup>xx</sup> e próxima das experiências internacionais divulgadas nas revistas e nos Congressos.

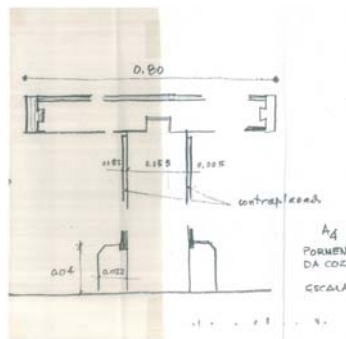
Ao percorrer este primeiro momento da casa, temos a percepção de um segundo, o grande espaço central proposto, o espaço de convívio familiar por excelência. Conseguimo-lo curiosamente através da porta da cozinha, projectada para estar aberta<sup>xxi</sup> (que pelo facto de ser de fole, rompia com o tradicional vão que isola um espaço) e pelo grande rasgo a todo a largura deste

# RESDOMUS

plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica



7. Casa Protótipo, foto da cozinha, vista da sala através do balcão



8. Casa Protótipo, pormenor do desenho do balcão



9. Casa Protótipo, pormenor da zona de roupas

dispositivo [Fig.7], deixando prever o ambiente da *sala comum*. Chegamos até ela, por um vão sobredimensionado que se encontra no final do *hall*.

O segundo momento deste ciclo do habitar torna-se assim híbrido... é um todo que o caracteriza. A casa, projectada para uma família moderna, sem criadas, propõe que a vida familiar seja partilhada por todos<sup>xxii</sup>. A cozinha comunica com a sala e a sala com a cozinha. Fazem parte de um todo, totalmente permeável visualmente. A divisão é feita por uma mesa de refeições, prática e desenhada para esse fim [Fig.8], aliás, como nos Olivais, em Barcelos, Famalicão, Vila do Conde... e até segundo Nuno Portas, serviu de exemplo para outros autores, nomeadamente em Ponte da Pedra dos arquitectos Arménio Losa e Cassiano Barbosa<sup>xxiii</sup>.

Tal como Nuno Teotónio Pereira salienta, há um "*privilegiar da «zona diurna», que misturava a zona de trabalho com a zona de estar. Era contra o esquema habitual de haver uma entrada com um corredor e depois uma série de compartimentos estanques. Nós unificámos os espaços*"<sup>xxiv</sup>.

Este momento do habitar, leva-nos a interrogar sobre a constituição e caracterização dos dispositivos propostos... Afinal que espaço é este? Um dispositivo complexo, mas único. É para ser vivido por todos, é a estrutura base da casa, é nela que se suporta a vida doméstica. A proposta Corbusiana para Marselha, também o explora. A grande *sala comum*, o espaço maior da casa, em objecção à casa compartimentada, com a sua sala de jantar e de estar separadas e fechadas<sup>xxv</sup>. Um dispositivo conjunto, aglutinador de diversas funções essenciais a um espaço doméstico desta natureza.

Mas ainda um outro curioso espaço se associa a este. Contíguo à sala comum, foi contemplado uma complexa zona de trabalho, destinada ao tratamento de roupas [Fig.9], totalmente aberta para este núcleo central e dele fazendo parte. Uma completa continuidade espacial entre a cozinha, zona de estar e tratamento de roupas... o inovador conceito de *sala comum*. Justificam os autores, que pelo facto de não haver criadas, "*tornava-se desaconselhável o isolamento desta zona de estar*"<sup>xxvi</sup>, pela previsível simultaneidade de usos, conduzindo a uma

# RESDOMUS

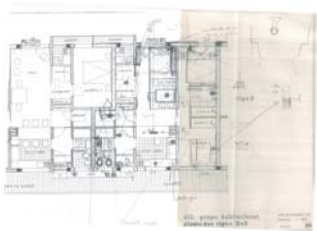
plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica



10. Casa Protótipo, foto da zona de roupas

sensação de espaciosidade e unidade da casa. Ficou no entanto, prevista uma cortina, para que pontualmente pudesse ser encerrada.

Esta área previa, máquina de costura, tábua de engomar (que para questões de economia de espaço, era rebatível tal como na Unidade de Marselha), um armário para roupas e no final, uma pequena zona exterior, com um tanque de lavagem suspenso igual ao usado no bloco das Águas Livres. Estava ainda previsto um estendal exterior, mas protegido das vistas por protecções adequadas. O verdadeiro paraíso de uma mulher moderna [Fig.10].



11. Casa Protótipo, planta de trabalho, comentada pelos arquitectos

Do lado oposto e, “para satisfazer as necessidades de recato da vida individual dos membros de uma família”<sup>xxvii</sup>, surgem os dois quartos de cama, com orientações opostas, equipados com roupeiros.

Interessa ainda reforçar que, para além deste jogo complexo de funções, outros atributos fizeram desta casa uma experiência única.

Toda a casa foi detalhadamente equipada. Os materiais, foram escolhidos com a preocupação da *afirmação de uma modernidade* [Fig.11], desde o pavimento em tijoleira na sala, ao equipamento da cozinha que contemplou o inovador lava-loiças em *inox*. As janelas que confinavam com a galeria, possuíam um estore de enrolar especialmente desenhado para manter a privacidade no interior da habitação: em vez de enrolar em cima, enrolava junto ao peitoril com o auxílio de guias.



12. Casa Protótipo, foto da sala comum

O mobiliário exposto foi escolhido, segundo os mesmos princípios. A fotografia da *sala comum* [Fig.12], poderia estar perfeitamente exposta na página central do Diário de Lisboa, destinada à mulher. Aliás, denominada mesmo por «Página da Mulher», onde se assiste a uma foto de um “interior moderno”, com um “recanto de uma sala de estar onde tudo é sóbrio e de bom gosto moderno”<sup>xxviii</sup>.

Os tectos baixos também suscitaram curiosidade.

No final da visita, os *pontuais habitantes* eram convidados a preencher um breve inquérito – *respondendo às perguntas que se seguem poderá contribuir*

*para uma habitação melhor*<sup>xxix</sup> – onde se solicitava a opinião, não só sobre os dispositivos propostos, mas também sobre os novos materiais, havendo a possibilidade de deixar um comentário pessoal<sup>xxx</sup>. Aponta-se especialmente a satisfação perante a ligação da sala com a cozinha, por ser  *muito prático*, o espaço dedicado ao tratamento de roupas, a iluminação e os tectos baixos. A localização da instalação sanitária e a tijoleira na sala, foram objectos de crítica. No entanto, todos são da opinião que *uma casa como esta, poderia fornecer uma vida melhor*.

Todo este discurso aponta para uma descrição interior, mas não nos podemos esquecer, que afinal estamos a falar de uma *Casa Protótipo*, de um modelo à escala real, que figurou numa exposição dentro de uma salão.

A casa era feita de materiais leves. Chamamo-lhe *protótipo*, porque o conceito remete para um *primeiro modelo, um original...* neste caso, uma experiência que se aproxima do utente. Foi um teste, um modelo para experimentar e provocar reacções.

Revela essencialmente uma abertura conceptual.

### **3. Afirmação de um caminho experimental em arquitectura**

Durante a década de 50 em Portugal, os contextos urbanos e rurais, transformaram-se em verdadeiros laboratórios de experiências habitacionais, para uma nova geração que acreditava que a arquitectura tinha o poder transformador do comportamento das pessoas.

Na Europa do pós-guerra, a ideia funcionalista da casa-máquina de habitar, empenhou-se em trabalhar para uma nova estrutura familiar... adopta-se a ideia de célula mínima, alterando-se os códigos e as agregações dos espaços. Propõem-se novos dispositivos: salas comuns, cozinhas abertas por passaportes, armários encastrados, pés-direitos baixos, pés-direitos duplos... racionalizando ao máximo a construção e condensando todos estes princípios principalmente na organização interna da casa. A casa americana do pós-guerra



também propõe novos dispositivos, *como protótipos de um novo estilo de vida*, por exemplo, as *Case Study Houses*, com novos ambientes e novas tecnologias.

Em Portugal, as revistas transportavam estes novos modelos, entusiasticamente recebidos pelos arquitectos. Reclamando assim os princípios ideológicos do Movimento Moderno, constitui-se um momento de reflexão sobre a produção arquitectónica nacional.

Se nos centrarmos no estudo da casa, e tendo por base este período particularmente complexo, surgem acontecimentos significativos numa rápida sequência temporal, não só na Europa onde o pós-guerra se faz sentir com outra expressão, mas também em Portugal, pelo impulso dado pela vontade dos nossos arquitectos em experimentar esses novos princípios apreendidos, na resolução por exemplo, do problema habitacional. Várias disciplinas se centram no estudo da casa, cabendo aos arquitectos fazer a sua síntese, propondo assim, novas formas de habitar.

O processo de projecto desta casa, resulta de um certo conjunto de circunstâncias. O programa estabelece uma direcção exacta: projectar para uma família tipo, com características económicas precisas. O novo contexto cultural, remete para a negação de um *estilo*. Há o assumir claro de um «*ideário moderno*». No seu texto, “*Making the Modified Modern*”<sup>xxx1</sup>, David Smiley retrata-nos uma nova cultura doméstica que surge com o pós-guerra, associada à casa moderna. Imagens de modelos à escala real e de maquetes, foram amplamente divulgadas para fazer passar esta mensagem, revelando essencialmente a expansão da indústria após as restrições da guerra. Novos materiais, novos equipamentos, ... novos dispositivos.

Que moderno é este que se enuncia em Portugal?

Os códigos e os princípios estão claros, mas os autores interpretam e conduzem estes mesmos princípios a uma prática disciplinar própria, através de uma “*vontade de contextualização que se aproxima quer da envolvente física, quer da dimensão social*”<sup>xxxii</sup>.

Todo este discurso moderno, é lançado para responder à dimensão humana, em que os requisitos estão bem definidos: a família, o espaço e o seu uso.

Um caminho experimental foi claramente traçado, pela vontade dos arquitectos de afirmarem uma nova visão sobre a casa e de, pelo menos temporariamente, a mostrarem e experimentarem. Evidencia-se aqui a importância das exposições temporárias para estes fins experimentais.

Um ano antes, em Londres, Alison e Peter Smithson, apresentavam a sua *Casa do Futuro*, uma “*misteriosa estrutura*” à escala real, encomendada pelo jornal *Daily Mail* para celebrar o jubileu da exposição da *Casa Ideal*. A proposta idealizava uma casa para os anos 80, totalmente feita de plástico e, apesar da distância entre Londres e Lisboa, os princípios conceptuais não estão muito longe: uma proposta de vida moderna, experimental, com introdução de novos dispositivos. Segundo Beatriz Colomina, esta casa, independentemente da especificidade dos materiais (plástico e mais plástico), da sua imagem, da importância conceptual do automóvel, do desenho da roupa, da alusão a uma nave espacial, ..., serviu para representar a sua visão de uma vida moderna, tal como Le Corbusier havia construído um apartamento modelo e o equipou com objectos da vida quotidiana, representando essa mesma visão<sup>xxxiii</sup>.



13. *Casa Protótipo*, foto de grupo na galeria da casa

Esta continuidade com a *Casa Protótipo*, estará ancorada à especificidade cultural de uma época? A vontade de interagir e de propor ao público novas formas de habitar, através de novos dispositivos e de novos materiais, testando reacções?

A casa foi desmontada... não se sabe ao certo o paradeiro dela. O projecto não foi construído, porque a Câmara não disponibilizou o terreno. Durou 8 dias e nela habitaram 10.000 pessoas... ficou uma experiência [Fig.13], que acreditamos ter contribuído para mudar formas de pensar e de questionar a arquitectura. Ficou um registo de um *protótipo moderno*, pensado para uma família portuguesa.

# RESDOMUS

plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica

## Anexo

RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS QUE SE SEGUEM  
PODERÁ CONTRIBUIR PARA UMA HABITAÇÃO MELHOR

GOSTARIAMOS DE SABER SE ACHA BEM:

1 — a ligação entre a sala e a cozinha .....

2 — a ligação entre a sala e o serviço de roupas: engomados, costura e lavagem .....

3 — a localização da casa de banho .....

3 — o pavimento de tijoleira .....

Nesta casa que mais lhe {  
agradou? .....

desagradou? .....

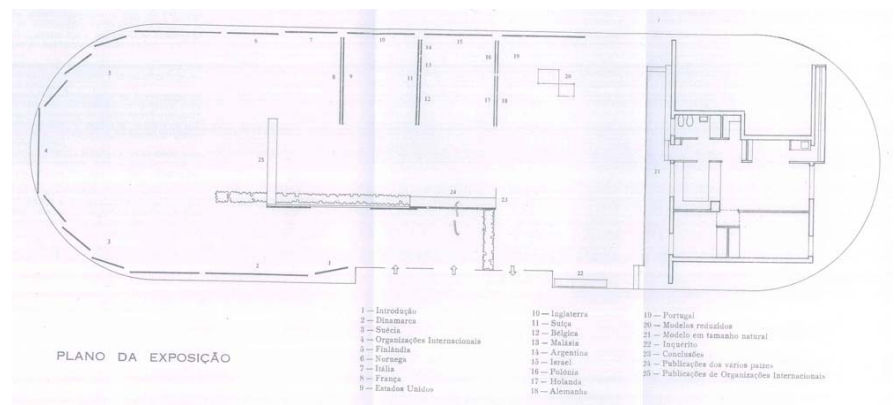
Acha que uma casa como esta {  
pode fornecer uma vida melhor? .....

é como qualquer outra? .....

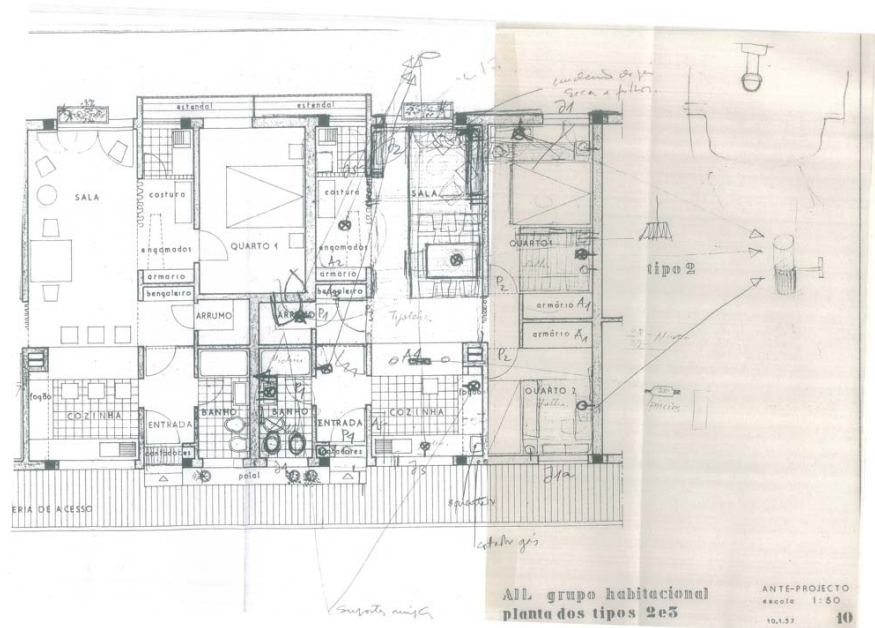
é um mau caminho a seguir? .....

Profissão .....

14. Inquérito apresentado aos visitantes da Casa Protótipo, no final da visita.



## 15. Plano da Exposição. Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa.



## 16. Unidade de Habitação Cooperativa, planta de trabalho para estudo da Casa Protótipo (sem escala).

### Origem das imagens:

1. Folheto de apresentação da exposição «O Cooperativismo Habitacional do Mundo», espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
2. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
3. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
4. Folheto de apresentação da exposição «O Cooperativismo Habitacional do Mundo», espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
5. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

6. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
7. Espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
8. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
9. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
10. Espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
11. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.
12. Associação dos Inquilinos Lisbonenses, boletim n.25, Lisboa, Setembro 1957, espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
13. Espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
14. Espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
15. Folheto de apresentação da exposição «O Cooperativismo Habitacional do Mundo», espólio Nuno Teotónio Pereira, atelier Rua da Alegria.
16. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

## Notas:

---

<sup>i</sup> Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular “Cultura & Habitar”, integrado no Programa de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, 2008/2009.

<sup>ii</sup> AIL, Associação dos Inquilinos Lisbonenses, fundada em 1924, por uma enorme massa de inquilinos, sobre a direcção, ainda que não oficial, do “velho líder anarco-sindicalista” Emídio Santana (PEREIRA, Nuno Teotónio, *Escritos (1947-1996, selecção)*, FAUP Edições, Porto, 1996). O seu principal objectivo, seria a defesa dos arrendatários das casas, procurando a conciliação de interesses destes com os respectivos senhorios, “num plano de boa justiça moral e social (...) em defesa de famílias eternamente condenadas a viver em casa alheia sem o amparo de leis saudáveis que lhes permita assegurar uma habitação condigna, ao mesmo tempo, livre de

*sobressaltos de maus proprietários-senhórios*” (Boletim AIL, ano XVI, n.º56, Lisboa, Março de 1965, p.1). Esta Associação, muito activa nos seus propósitos, organizava exposições, promovia conferências,... e lançava bimestralmente um boletim que se constituía como um verdadeiro sumário sobre as questões habitacionais, suas políticas, mostra de experiências nacionais e estrangeiras, perspectivas presentes e futuras.

<sup>iii</sup> Este novo conceito, «inquilinato cooperativo» ou «aluguer-cooperativo», reunia as vantagens dos outros dois tipos de cooperativismo habitacional, o acesso à propriedade e o inquilinato simples. A grande vantagem seria que o cooperador beneficiaria de uma propriedade transacionável, obtendo através da organização cooperativa, o capital que permitiria a construção da habitação, reduzindo assim, tanto a entrada com um capital mais baixo, assim como a própria renda. Os cooperantes não seriam proprietários das habitações, mas inquilinos da cooperativa que as tinha construído, gerindo em conjunto as Unidades, à imagem do que são agora os condomínios.

<sup>iv</sup> Cf. entrevista a Nuno Teotónio Pereira por José António Bandeirinha (23.06.98). Espólio José António Bandeirinha, Centro de Documentação 25 de Abril, Universidade de Coimbra, Coimbra.

<sup>v</sup> Entre outros, ver: Diário Ilustrado; Diário de Lisboa; Diário Popular; República; Diário de Notícias. (Na bibliografia, os títulos dos artigos).

<sup>vi</sup> Diário de Lisboa, 30 de Março de 1957.

<sup>vii</sup> Cf. Diário de Lisboa, 6 de Abril de 1957. O Sr. Dr. Veiga de Macedo, Ministro das Corporações, ao visitar a exposição acompanhado do Director Geral da Previdência Social, do Chefe da Repartição das Casas Económicas, do Presidente da Direcção das Habitações Económicas-Federação de Caixas de Previdência, falou à imprensa: “*Falo como homem da rua, como inquilino para quem tudo o que seja dar casa ao próprio é razão fundamental*”, demonstrando o maior interesse pelas soluções urbanísticas e arquitectónicas apresentadas pelos outros países, um pouco à semelhança do que se passava em Alvalade e em Cascais, longe do «*movimento dos castores*» e da «*segregação social*» que os bairros isolados das Casas Económicas apresentavam.

<sup>viii</sup> Alemanha Ocidental, Argentina, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados- Unidos, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Noruega, Polónia, Suécia, Suíça e a Confederação da Malásia.

<sup>ix</sup> “*A Exposição de Cooperativismo Habitacional, uma feliz e útil realização da nossa Associação*”, Boletim AIL, ano VIII, n.º 25, Lisboa, Setembro de 1957, p. 5.

<sup>x</sup> Título de um artigo de Nuno Teotónio Pereira, escrito em 1969, onde o autor se debate novamente com a dimensão e natureza do problema habitacional, reflecte sobre quem são o maior numero, e apresenta critérios orientativos de como construir para esta camada da população.

<sup>xi</sup> Folheto de apresentação da exposição sobre “O Cooperativismo Habitacional no Mundo”.

<sup>xii</sup> Ver Programa em anexo.

<sup>xiii</sup> Interessava ainda à AIL, que fosse também estudada a possibilidade de cada bloco prever um espaço para creche e pré-escolar. No entanto, a proposta previa um edifício central com esse fim, de forma a facilitar o acesso a cada um dos blocos. Os espaços entre os edificios, seriam utilizados como logradouro comum e eventualmente para pequenas zonas de cultivo individual, à imagem das propostas de Nuno Teotónio Pereira para as Casas de Renda Económica em meios rurais.

<sup>xiv</sup> Cf. Memória Descritiva e Justificativa, Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

<sup>xv</sup> “A Exposição de Cooperativismo Habitacional, uma feliz e útil realização da nossa Associação”, Boletim AIL, ano VIII, n.º 25, Lisboa, Setembro de 1957, p. 5.

<sup>xvi</sup> Em anexo, listagem das empresas que colaboraram na execução da Casa Protótipo.

<sup>xvii</sup> Habitações Económicas - Federação de Caixas de Previdência. Organismo semi-público criado em 1947 com o objectivo de aplicar capitais da previdência na construção de Casas de Renda Económica. Ao longo de 25 anos, serviu de verdadeiro laboratório de projecto, para os arquitectos mais jovens sobre orientação de João Braula Reis e consultadoria de Nuno Teotónio Pereira.

<sup>xviii</sup> Cf. Memória descritiva e justificativa do ante-projecto. Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

<sup>xix</sup> A propósito desta complexidade ver conversa de Nuno Teotónio Pereira com Nuno Portas, no DVD incluído em: *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Quimera Editores, Lisboa, 2004.

<sup>xx</sup> As moradias de família que constituíam os bairros segregados dos programas das «Casas Económicas» do Estado Novo propunham, independentemente das suas várias categorias, um modelo assente num discurso fortemente ideológico. Esse modelo, remonta à discussão da «Casa Portuguesa», estando associada à moradia unifamiliar burguesa, representativa do poder das classes através da propriedade.

<sup>xxi</sup> Esta passagem, segundo os autores, era mesmo para estar aberta, mais uma vez funcional, proporcionando um percurso fluído e contínuo.

<sup>xxii</sup> “*Sendo a casa o suporte físico da vida familiar e por outro lado a expressão dessa mesma vida, procurou-se neste projecto fazer obra concreta (...) destinam-se estas casas a pessoas de vida modesta, sem serviçais, para quem a vida de casa constitui trabalho pesado que importa facilitar*”, cf. Memória Descritiva e Justificativa do ante-projecto, Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

<sup>xxiii</sup> “*Esta disposição é semelhante à apresentada no fogo experimental da exposição sobre o Cooperativismo Habitacional no Mundo (...) onde o balcão se destinava directamente às refeições, equipado com iluminação apropriada (...)*”, PORTAS, Nuno, “Habitações Operárias em Ponte da Pedra”, *Arquitectura*, n.º63, Dezembro de 1958.

<sup>xxiv</sup> O comentário de Nuno Teotónio Pereira, não é específico à obra em causa. Ele refere-se a todo um conjunto de obras, projectadas para *um maior numero* e a toda uma experiência acumulada com o trabalho desenvolvido para as HE e os estudos nos Olivais (que contempla também casos construídos pelas HE). MILHEIRO, Ana Vaz, SALEMA, Isabel, “Queríamos Criar um Espaço para a Vida Moderna”, *Jornal Público*, supl. Mil Folhas, Lisboa, 26 Junho 2004, p.5.

<sup>xxv</sup> Cf. entrevista a Nuno Teotónio Pereira por José António Bandeirinha (23.06.98). Espólio José António Bandeirinha, Centro de Documentação 25 de Abril, Universidade de Coimbra, Coimbra.

<sup>xxvi</sup> Cf. Memória Descritiva e Justificativa do ante-projecto, Espólio Nuno Teotónio Pereira, SIPA, Forte de Sacavém.

<sup>xxvii</sup> *Idem*.

<sup>xxviii</sup> Diário de Lisboa, 16 de Março de 1957.

<sup>xxix</sup> Inquérito em anexo.

<sup>xxx</sup> Ver ficha de inquérito em anexo.

<sup>xxxi</sup> SMILEY, David, “*Making the Modified Modern*”, *Perspecta*, 32, 2001, p. 39-54.

<sup>xxxii</sup> TOSTÕES, Ana, “Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola”, in AA/VV, *Arquitectura e Cidadania, atelier Nuno Teotónio Pereira*, Quimera editores, Lisboa, 2004.



# *RESDOMUS*

*plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectónica*

---

<sup>xxxiii</sup> COLOMINA, Beatriz, “Una ire aún no respirado, 1956”, in HEUVEL, Dirk Van Den, RISSELAFA, Max, *Alison Y Peter Smithson De La Casa del Futuro a la casa de hoy*, Ediciones Polígrafa, Barcelona, 2007, p. 53.